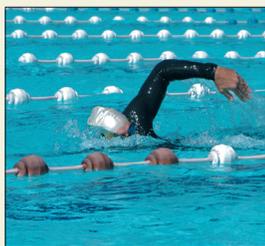


■ **BIOQUÍMICA****Rendimento esportivo**

Revisar os mecanismos relacionados à modulação da serotonina cerebral, processo que pode afetar o rendimento dos atletas, é o objetivo do artigo “Implicações do sistema serotoninérgico no exercício físico”, de Luciana Rossi e Julio Tirapegui, da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo (USP). “Uma abordagem emergente e polêmica desses mecanismos está relacionada à fadiga durante atividade de curta e longa duração, além de sua relação com a função serotoninérgica cerebral”, afirmam os pesquisadores. “Os mecanismos propostos para o desenvolvimento de fadiga precoce durante o exercício se apresentam amplamente inexplorados.” O foco bioquímico do estudo é o aminoácido precursor da serotonina cerebral: o triptofano, aminoácido essencial tanto para humanos como animais. Porém sua importância não se restringe apenas à contribuição no crescimento e síntese protéica. “Como precursor da serotonina cerebral, o triptofano exerce papel fundamental em diversos mecanismos fisiológicos e comportamentais como sono, depressão, ingestão alimentar, fadiga, entre outros”, alertam os pesquisadores. Em relação à atividade física, há envolvimento do triptofano tanto em exercícios de longa como de curta duração. O estudo reflete ainda sobre os prováveis mecanismos envolvidos na “hipótese da fadiga central” e a oferta de carboidratos e aminoácidos como estratégia para alcançar melhora no rendimento esportivo.



EDUARDO CÉSAR

ARQUIVOS BRASILEIROS DE ENDOCRINOLOGIA & METABOLOGIA – VOL. 48 – Nº 2 – SÃO PAULO – ABR. 2004

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-27302004000200004&lng=pt&nrm=iso&tling=pt

■ **POLÍTICA CIENTÍFICA****Avança Brasil**

O artigo “A pesquisa médica e biomédica no Brasil. Comparações com o desempenho científico brasileiro e mundial” evidencia elevada correlação entre o Pro-

duto Interno Bruto (PIB) e o desempenho científico e tecnológico de países desenvolvidos como Estados Unidos, Japão, Alemanha e Inglaterra, e mostra como isso se realiza em países de médio desenvolvimento como México, Índia e Brasil. O estudo é de autoria de Jorge Guimarães, presidente da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). “A comparação com os países de mais elevado desempenho possibilita melhor situar o desafio a ser vencido pela pesquisa brasileira na área de saúde, para colocá-la no patamar dos índices de citação que melhor qualifica a pesquisa feita na área”, justifica Guimarães. O estudo revela que no Brasil o complexo educacional universitário e o sistema de C&T foram estruturados muito tardiamente e estão ainda em processo de consolidação. “Nossos processos de ensino na educação fundamental e mesmo na graduação universitária, predominantemente informativos que privilegiam a memorização em detrimento do processo formativo, vêm se mostrando bastante deficitários e perigosamente defasados da demanda por um ensino qualificado”, disse. Porém, segundo Guimarães, nas últimas quatro décadas houve considerável avanço no segmento de ciência e tecnologia no Brasil, um desempenho claramente mostrado pelos indicadores internacionais. Os dados apresentados demonstram que a pesquisa médica e biomédica no Brasil, por exemplo, vem alcançando sucessivo progresso especialmente no componente quantitativo, com um crescimento extraordinário nas publicações científicas. O estudo alerta, todavia, que tanto o desempenho obtido como a capacidade instalada de pesquisa se situam ainda muito aquém dos índices necessários para o enfrentamento dos gigantescos desafios sociais e econômicos que o país apresenta nesta e em outras áreas.

CIÊNCIA E SAÚDE COLETIVA – VOL. 9 – Nº 2 – RIO DE JANEIRO – ABR./JUN. 2004

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232004000200009&lng=pt&nrm=iso&tling=pt

■ **EMPREGO****Mercados imunes**

O propósito do artigo “Curva de rendimentos: uma análise no mercado de trabalho urbano e rural no Brasil” é analisar empiricamente o grau de flexibilidade dos rendimentos no país, enfatizando as diferenças entre os mercados de trabalho urbano e rural brasileiros.

O estudo é de autoria dos economistas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Igor Viveiros de Souza e Ana Flávia Machado. No artigo são apresentados modelos sobre os diferenciais de rendimentos entre o campo e cidade e a relação existente entre desemprego de longo prazo e níveis salariais. “Historicamente, as áreas urbanas têm apresentado, em relação às áreas rurais, maiores níveis salariais, bem como melhor estrutura organizacional de seus trabalhadores e um maior acesso da legislação pertinente”, aponta o levantamento. Portanto, é de esperar que as regiões produtoras de bens agrícolas apresentem maior sensibilidade a variações na produtividade, alterando seu produto e os níveis de emprego mais rapidamente, o que caracterizaria uma maior flexibilidade de seus mercados. Porém, revela a pesquisa, a análise da curva de rendimentos para o Brasil, no período compreendido entre 1981 e 1999, mostra que, por não possuir relações trabalhistas típicas de um mercado capitalista, os níveis de desemprego nas áreas rurais pouco sofrem com as flutuações econômicas brasileiras em relação aos trabalhadores urbanos. Não é possível, portanto, aplicar o conceito de flexibilidade do mercado de trabalho em atividades localizadas no campo. Nas áreas urbanas, o mercado de trabalho no Brasil mostra ser mais flexível, conclui a pesquisa.

REVISTA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL – VOL. 42 – Nº 1 – BRASÍLIA – JAN./MAR. 2004

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032004000100002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

■ SOCIEDADE

Relacionamentos virtuais

O artigo “Antropologia e Internet: quando o ‘campo’ é a cidade e o computador é a ‘rede’” apresenta uma reflexão sobre a estreita associação que atualmente se processa entre a Internet e as condutas sociais. “De um lado, temos a presença de práticas de sociabilidade ao modo clássico, sendo mantida pelo encontro face a face. De outro, está presente a especificidade gerada pela presença da interface gráfica como mediadora do encontro social”, diz o autor do estudo Jonatas Dornelles, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O cientista diz que a Internet atinge o senso comum da população, pois é cada vez mais compreensível que seja possível bater papo, conhecer pessoas, fazer amigos e namorar pela rede. O autor conduz o leitor em uma reflexão sobre a sociabilidade que está relacionada com o computador e a Internet, por meio de um estudo sobre as salas de bate-papo virtual (*chat*) da cidade de Porto Alegre. “O *chat* adquire o *status* de lugar,



EDUARDO CESAR

como se fosse um entre tantos outros pontos de encontro da cidade”, acredita Dornelles. “A vivência do indivíduo no ciberespaço é tão dramática, emotiva e complexa quanto a interação face a face.” Durante toda a pesquisa ficou clara uma propensão que os usuários têm de interagirem face a face em um segundo momento, a partir do encontro virtual em *chat*. “Esta experiência nos faz refletir sobre a estreita associação que atualmente se processa entre o computador e as condutas sociais”, diz Dornelles, que aponta como um dos aspectos mais claros do estudo o cultivo de um tipo de sociabilidade denominado como “sendo virtual”.

HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS – VOL. 10 – Nº 21 – PORTO ALEGRE – JAN./JUN. 2004

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832004000100011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

■ TECNOLOGIA

Modernização agrícola

O artigo “Intensidade e dinâmica da modernização agrícola no Brasil e nas unidades da Federação”, de Paulo Marcelo de Souza, da Universidade Estadual do Norte Fluminense, e João Eustáquio de Lima, da Universidade Federal de Viçosa, apresenta um estudo que caracteriza a evolução do processo de modernização agrícola ocorrido em cada estado, entre 1970 e 1995. A idéia foi fornecer evidências empíricas do processo de modernização da agricultura, buscando verificar sua magnitude e descrever sua dinâmica ao longo do tempo. Os resultados do estudo mostram que a intensidade do processo de modernização foi significativamente diferente entre as unidades da Federação. “Esse processo sofreu retração a partir de 1980, com a redução nos valores associados ao nível de financiamento e investimentos no setor”, revelam os pesquisadores. Eles observaram que a modernização agrícola foi mais lenta no grupo formado por Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Piauí e Rondônia. No grupo constituído por Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Roraima e Sergipe se observa maior intensidade de modernização do que a constatada para os estados do grupo anterior. Porém as taxas observadas nesse caso são inferiores ao que se verifica nos demais estados. Um terceiro grupo (Alagoas, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e Rio de Janeiro) define as regiões onde o avanço da modernização é superior ao que ocorre nos dois primeiros grupos. Finalmente, Distrito Federal, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo pertencem ao grupo que abriga as unidades da Federação onde a modernização foi mais intensa.

REVISTA BRASILEIRA DE ECONOMIA – VOL. 57 – Nº 4 – RIO DE JANEIRO – OUT./DEZ. 2003

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71402003000400007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt